

Sarney garante 5 anos e promete concluir transição

A Assembleia Nacional Constituinte ficou, ontem, em cinco anos o mandato do presidente José Sarney. Confirmando as previsões dos líderes governistas, a fusão de emendas foi aprovada por 328 votos, 222 contra e três abstenções, durante tumultuada sessão, onde não faltaram tentativas de obstrução da votação por parte das esquerdas e ostensiva participação das galerias. Com o término do mandato do presidente Sarney marcado para 15 de março de 1990, conforme o texto aprovado, a eleição direta para Presidente da República será realizada em 15 de novembro do próximo ano, e os mandatos dos atuais governadores acabam em 15 de março de 1991.

O deputado Ulysses Guimarães, para garantir a realização da votação, teve que enfrentar uma verdadeira batalha regimental imposta por parlamentares da esquerda que buscavam obstruir a votação através de consecutivas questões de ordem. Mas o presidente da Constituinte preferiu desconhecê-las e colocou rapidamente a fusão em votação, às 17h00, em meio ruidosos protestos das galerias: "Diretas-já, fora Sarney e traidor, traidor, aqui tem eleitor...".

Antes da divulgação do resultado, pelo painel eletrônico,

foi registrado um incidente quando as deputadas Ana Maria Rattes (PMDB-RJ), Moema Santiago (PDT-CE) e Francisco Küster (PMDB-SC) tentaram afixar uma faixa, em frente à Mesa da Constituinte, com os dizeres (em tarja vermelha): 5 anos, traição ao povo. Sob protestos de Ulysses Guimarães, o deputado Albérico Cordeiro (PFL-AL), segundo secretário e que votou pelos cinco anos, rasgou a faixa, inflamando mais ainda o clima de expectativa. Não demorou e o painel eletrônico publicou a vitória dos 5 anos, com os líderes governistas, José Lourenço e Carlos Sant'Anna, comandando as comemorações "cincoanistas" em plenário.

Manobras
A sessão iniciada às 9h00 da manhã e suspensa às 14h40 somente foi reaberta pelo presidente da Constituinte, Ulysses às 16h10. De imediato o vice-líder do PT, José Genoíno, exigiu o direito de 30 minutos iniciais para o tradicional "pinga-fogo". Ulysses concordou, mas preferiu aguardar o tempo em seu gabinete, quando tomou conhecimento do estado crítico de saúde do senador Virgílio Távora (PDS-CE). Inclusive circulou "boatos" do falecimento do parlamentar, levantando hipóteses de suspensão da sessão e adiamento da votação do mandato do presidente Sarney.

Exatamente às 17h00 Ulysses colocou a fusão de emendas dos deputados Matheus Iensen, Basílio Vilani e Bonifácio de Andrada em

discussão. A primeira contestação partiu do líder do PDT, Brandão Monteiro, que não aceitava a fusão receber o mesmo tratamento preferencial da emenda coletiva. Ulysses manteve a votação frisando que a emenda Iensen contava com 317 assinaturas e não perdia a sua característica de coletiva. Insatisfeito, Monteiro apelou para a prejudicialidade da fusão, que para ele, interferia no mandato dos próximos presidentes (matéria já aprovada).

Mas o ataque mais enérgico veio do senador Mário Covas, líder do PMDB, ao salientar que as emendas fruto da fusão foram oferecidas ao texto da Sistematização e sem qualquer correspondência ao texto-base do Centrão, portanto, segundo seu raciocínio, deixavam de ser modificativas e passavam a ser aditivas. Neste caso, para Covas, a fusão somente poderia ser apreciada ao final da votação de todo o capítulo das Disposições Transitórias.

A manobra de obstrução ainda teve o último lance, com o deputado Neilton Friedrich (PMDB-PR) exigindo que fosse colocado em votação requerimento de sua autoria pedindo que a votação do mandato de Sarney fosse por chamada nominal e transmitida ao vivo por todas as emissoras de comunicação. Ulysses buscou amparo em ato da Mesa da Constituinte, que fixa apuração eletrônica para as votações, para negar o pedido de chamada nominal.

Apesar da derrota, as galerias vibram

Mesmo sendo derrotados na sua pretensão de aprovar a eleição para Presidente da República este ano, os quatroanistas fizeram a festa nas galerias e em plenário durante a longa votação de ontem, do mandato do presidente José Sarney.

Nas galerias parcialmente tomadas, os manifestantes gritavam insistentemente o refrão «quatro, quatro», numa referência à proposta de fixar o mandato presidencial em quatro anos. Já no processo de votação, os populares cantavam o Hino Nacional, no que foram acompanhados pelos constituintes quatroanistas. Desta vez, ao contrário da votação do mandato dos futuros presidentes, nenhum grupo favorável aos cinco anos estava presente, evitando uma disputa entre as duas torcidas.

No plenário, os defensores dos quatro anos, apesar de menos numerosos, também levaram vantagem sobre os cincoanistas que apenas se manifestavam contra os oradores que queriam obstruir a sessão. Os quatroanistas não paravam um instante sequer com os gritos de «diretas-já» ou «fora Sarney».

Fim de festa
«Traidor, traidor, aqui tem eleitor». Gritando estas palavras de ordem as galerias reagiram logo que o painel eletrônico anunciou o resultado da votação que fixou o mandato do presidente José Sarney em cinco anos.

Em seguida, alguns manifestantes passaram a jogar moedas para dentro do plenário e entoar o refrão «dinheiro, dinheiro». Imediatamente, os deputados Francisco Küster (PMDB-SC) e Moema São Thiago (PDT-CE), que estavam na Mesa da Constituinte, abriram uma faixa com os dizeres «6, traição ao povo. Fora Sarney». A abertura da faixa provocou uma disputa entre cincoanistas e quatroanistas. O deputado Albérico Cordeiro (PFL-AL), defensor dos 5 anos, rasgou a faixa gerando um início de tumulto no plenário.

Imprensa mobiliza esquema especial

As emissoras de rádio, televisão e jornais mobilizaram, ontem, a formação de um significativo esquema de cobertura jornalística para registrar e transmitir (ao vivo) a votação do mandato do presidente Sarney pelo plenário da Constituinte. Mas segundo especialistas, este evento foi superado pela gigantesca cobertura da sessão de instalação da Assembleia Constituinte, apesar de centralizar e convergir para o Congresso Nacional, todas as atenções de diversos segmentos da sociedade.

Apesar de 280 jornalistas credenciados na Câmara dos Deputados, 160 no Senado Federal e mais de mil carteirinhas de imprensa (provisórias) distribuídas pela primeira secretaria da Constituinte, pouco mais de 500 repórteres trabalharam durante todo o dia de ontem, em cima da votação do mandato de Sarney. De última hora, apenas o jornal francês La Croix solicitou credenciamento para acompanhar a sessão.

As dependências do Comitê de Imprensa e a parte reservada do plenário para a imprensa (aquário) foram literalmente tomadas por uma parafarnália de fios, aparelhos de transmissão, mesa de operação, e diversas unidades portáteis de jornalismo. Na parte externa do Congresso, foram montadas várias antenas de "micro-ondas" e verdadeiras mini-estações de televisão (sobre rodas) foram instaladas em seus gramados.

A TV Globo, com sua unidade móvel de externas (com mesa de efeito, áudio, produção e corte) operou transmissões ao vivo a votação e flashes durante a programação. A TV Manchete, utilizando espaço fixo em suas diárias coberturas da Constituinte, resumiu seus trabalhos à transmissão ao vivo da sessão e alguns flashes.

Só discursos peemedebistas

A demonstração do ecletismo e das diversas correntes internas que disputam a supremacia do que sobra do PMDB após a Constituição ficou comprovada durante o encaminhamento de votação do mandato do presidente Sarney. Quatro peemedebistas subiram à tribuna para sustentar teses favoráveis aos cinco e quatro anos para Sarney.

O deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB/PE), da ala progressista, criticou o processo de alicenciamento de parlamentares promovida pelo Palácio do Planalto, frisando que a votação estava marcada "pelo casuismo, corrupção e fisiologismo às custas do dinheiro público". Teceu fortes críticas aos políticos, que para ele, segundo pesquisas, "somente

ganham em credibilidade para a polícia". Ferreira Lima disse que político não costuma ter palavra, pois tem um comportamento cínico e de escárnio ante a opinião pública. No final denunciou que no texto do Centrão, em troca da emenda Iensen, ficou isenta de direitos autorais toda a produção de músicas evangélicas. "Diretas Já, Fora Sarney", foram os gritos de reação das galerias.

O evangélico Matheus Iensen (PMDB/PR), da tribuna, implorou que os constituintes permitissem a Sarney completar a missão de consolidar a transição e "último o sonho da democracia plena". Lembrou que seria uma discriminação contrariar a regra geral, já aprovada pela Constituinte, que fixou o mandato dos próximos presidentes da República em cinco anos. "Sarney não é culpado pela crise que o País atravessa, pelo contrário, é uma de suas vítimas, pois cobra-se dele soluções que estão além de suas possibilidades", frisou o parlamentar.

Caixa-forte

O líder do Governo, e nome cotado para assumir um ministério, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) foi à tribuna salientar a demonstração do exercício da liberdade plena e integral, "chegando a permitir que a figura do presidente seja atacada". Frisou que o PMDB foi beneficiado pelo Governo Sarney, com a indicação de 17 nomes do partido para ocupar ministérios. "Mesmo assim não devemos derrubar este clima de conciliação e de união nacional, para que seja possível concluir a fase de transição política", disse.

Fusão viabiliza votação

A fusão das emendas dos deputados Matheus Iensen (PMDB-PR), Basílio Vilani (PMDB-PR) e Bonifácio Andrada (PDS-MG) foi a solução encontrada pelos cincoanistas para evitar que a duração do mandato do presidente José Sarney deixasse de ser incluída na nova Constituição para ser decidida pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

As articulações para a fusão partiram dos ministros Renato Archer (Previdência), Luiz Henrique (Tecnologia) e dos deputados Israel Pinheiro (PMDB-MG), Cid Carvalho (PMDB-MA) e Ubiratan Aguiar (PMDB-CE), logo após encerrada a sessão que fixaria o mandato de Sarney, na noite de quarta-feira passada.

Com o término da reunião, boa parte dos coordenadores do Centrão, inclusive o deputado José Lourenço (PFL-BA), ameaçava retirar a emenda Matheus Iensen que fixava o mandato do Presidente em cinco anos. Seria resposta à disposição do líder do PMDB, senador Mário Covas, de fazer com que a proposta somente fosse votada ao final das disposições transitórias, quando seriam apreciadas as emendas aditivas.

Estratégia

Como a emenda Iensen pretendia substituir o artigo 4º do projeto da Comissão de Sistematização, que estabelecia o mandato em quatro anos, ela somente poderia ser votada como emenda aditiva, já que o substitutivo do Centrão aprovado pelo plenário não traz qualquer dispositivo sobre a duração do mandato presidencial.

Diante da possibilidade de retirada da emenda Matheus Iensen, os dois ministros e os três deputados se reuniram, na noite de anteontem, na casa de Renato Archer, para traçar uma estratégia para a votação do mandato de Sarney. De lá, eles foram à residência do presidente da Constituinte, Ulysses

Guimarães, onde deram as linhas gerais da emenda de fusão que, na manhã de ontem, foi redigida pelo subsecretário de Assuntos Parlamentares da Presidência da República, Henrique Hargreaves.

Ainda na casa de Ulysses, o deputado Cid Carvalho comunicou ao presidente Sarney as articulações para a apresentação da fusão e do risco político que correria se o seu mandato fosse definido pela Justiça.

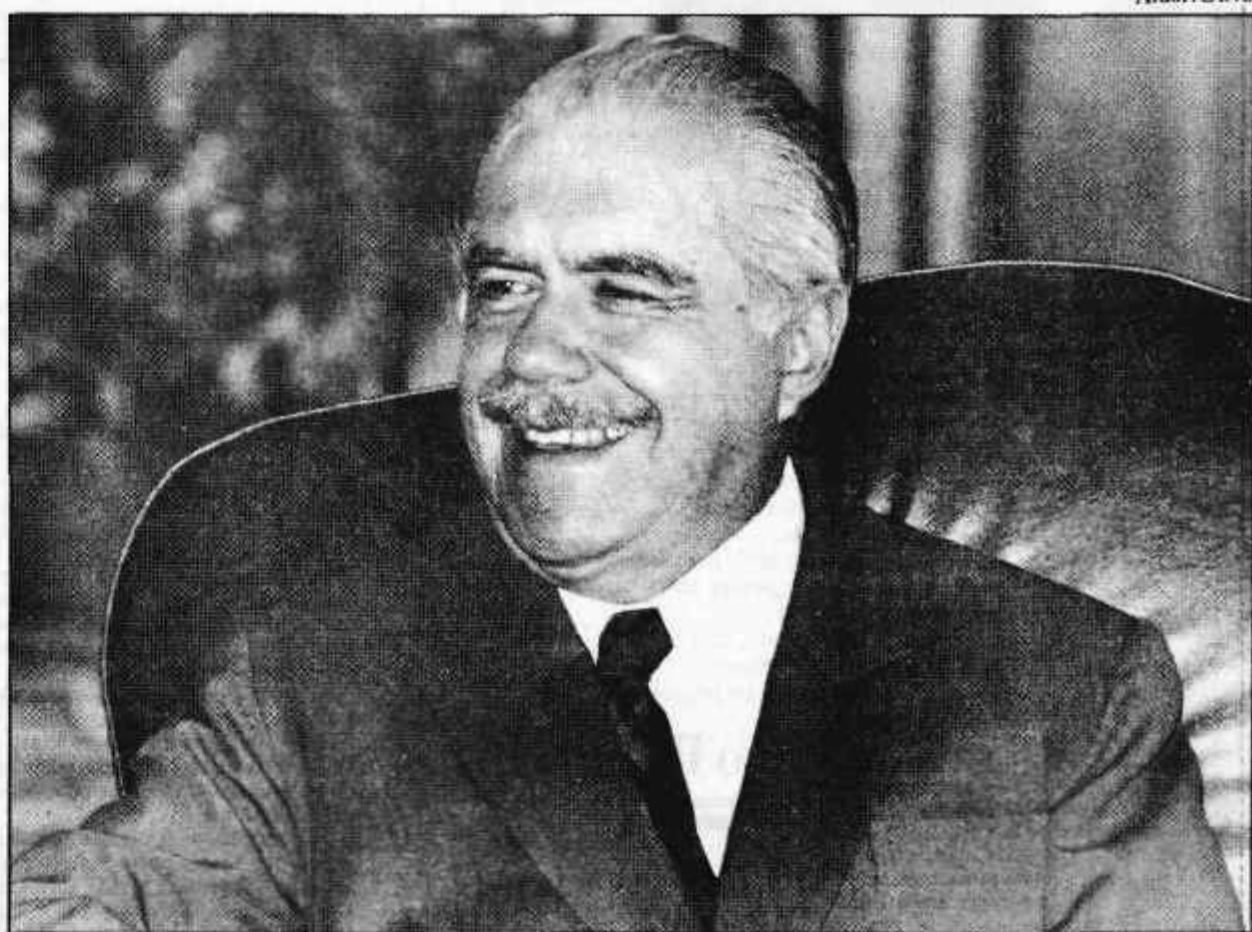
Fórmula

"A retirada da emenda Iensen seria o enfraquecimento do governo Sarney", comentava ontem o deputado Israel Pinheiro, pouco antes da votação do mandato presidencial.

Decididos pela fusão das emendas, os cincoanistas teriam que encontrar uma fórmula para que a proposta pudesse ser votada imediatamente. A saída foi incorporar a emenda Basílio Vilani que tratava do artigo 3º do Centrão. A proposta Vilani, que igualmente prevê o término do mandato dos atuais governadores e vices em 15 de março de 1991, copia quase todo o texto.

Com a emenda de fusão, os cincoanistas contornaram outro inconveniente que é a exata duração do mandato presidencial. A emenda Iensen previa apenas eleições presidenciais em 15 de novembro de 1989, sem contudo estabelecer o dia da posse do sucessor de Sarney. Isto implicaria votação de uma série de propostas neste sentido, o que atrasaria ainda mais a definição do mandato do atual Presidente.

Mesmo depois de definido o texto da fusão, o líder do Governo na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), se mantinha contra a proposta temendo que o presidente da Constituinte pudesse vetá-la. Isto implicaria exclusão do mandato das Disposições Transitórias, já que a emenda Iensen foi retirada para a votação da fusão.



O presidente José Sarney pôde ficar mais tranquilo e abriu o Alvorada para comemorar

Festa começa no Planalto e se estende ao Palácio da Alvorada

O presidente José Sarney abriu ontem, primeiro as portas do Palácio do Planalto, depois as do Alvorada, para receber os cumprimentos pela vitória do mandato de cinco anos, na Assembleia Nacional Constituinte.

A festa de comemoração ficou por conta do deputado Euzébio de Oliveira, do Amazonas, o mesmo que comemorou o aniversário do Presidente com uma recepção para 400 pessoas: "É um sujeito muito rico", segundo Daso Coimbra.

A euforia com a vitória era evidente, já no Palácio do Planalto. A sala de recepção da Presidência da República foi pequena para

tanta gente — ministros, deputados, senadores, amigos, todos com um grande sorriso nos lábios e uma única palavra: "Parabéns".

O presidente José Sarney, evidentemente o centro das atenções, conseguia disfarçar a emoção, também com um grande sorriso no rosto, conforme testemunha o deputado Daso Coimbra: "Ele nem fala, só ri e diz 'obrigado'".

O deputado Roberto Cardoso Alves chegou ao Palácio feliz da vida com a vaia que levou: "Olha, ganhei uma vaia que é para ministro nenhum botar defeito". Contou isso para o presidente José Sarney, e riram, que vaia, dependendo das circunstâncias, pode ser muito bom.

O assessor parlamentar da Presidência da República, Henrique Hargreaves, um dos responsáveis pela vitória do Governo, e insistentemente parabenizado por isso, comentava que "esperteza demais vira bicho e come o esperto". O esperto, porém, foi ele, que articulou a fusão das emendas Matheus Iensen/Basilio Vilani.

O ministro Ronaldo Costa, momentos depois de divulgado o resultado da votação, já tinha a lista de votantes. E mostrou que não foi surpresa a decisão do deputado Aécio Neves, que votou nos cinco anos. "Aécio", esteve no Palácio do Planalto na última terça-feira.

"Decisão não é um divisor de águas"

«E agora, José?» Essa pergunta, feita durante os cumprimentos ao presidente da República, no Palácio do Planalto, já tivera, momentos antes, a resposta do presidente José Sarney: «Agora, vou exercer o mandato com maior confiança ainda».

O presidente José Sarney, que recebeu do ministro Ronaldo Costa Couto a notícia da vitória, iniciou o seu rápido pronunciamento à Nação, notando que «não tenho muita coisa a dizer». A íntegra do seu discurso é a seguinte:

«Eu não tenho muita coisa a dizer. Acho que quem governa, governa com realidades. A realidade deste instante é a de que a Assembleia Nacional Constituinte deu-me a confirmação de governar o País até 1990. Eu recebo, eu acato e respeito a decisão da Assembleia com o mesmo senso de dever com que assumi a Presidência da República e venho exercendo o meu cargo.»

«Nós temos pela frente duas tarefas gigantes. A primeira delas é concluir a transição democrática, que é a tarefa mais importante e histórica para este País: Consolidar a democracia. A Constituição não é um fim em si mesma. Ela precisa ser viabilizada e para isso temos que ainda percorrer os caminhos das leis complementares e adaptar as constituições estaduais. Temos que fazer eleição presidencial no próximo ano num clima de paz, num clima de liberdade democrática, sem qualquer risco, para que eu possa entregar ao meu sucessor um País sem os momentos dramáticos que eu tive que passar.»

«O setor da economia é outra tarefa gigantesca a de reintegrar o País dentro da sua linha histórica de crescimento, manter o desenvolvimento econômico, evitar a recessão e reintegrar o Brasil na comunidade financeira internacional. Fazer uma reforma profunda, concluir as reformas profundas que o País necessita no setor e modernizar seu modelo econômico. Nós chegamos ao fim do modelo da substituição de importações. Nós temos um caminho novo a percorrer que é a de preparar as estruturas nacionais para o grande desafio do século 21. Temos aí um mundo novo aberto, que é o mundo da ciência e da tecnologia. E nós temos que nos preparar para enfrentá-lo.»

«Finalmente, eu devo dizer que esta decisão da Assembleia Nacional Constituinte para mim não é um divisor de águas. Ao contrário, ela é um espaço para a solidariedade nacional, para a ampliação das áreas de consenso, a fim de que todos nós possamos dar uma contribuição para resolver os grandes desafios que o País tem pela frente. Portanto, é este o meu sentimento que é um sentimento de humildade e ao mesmo tempo um sentimento de confiança no nosso País. Vou exercer o mandato agora com mais responsabilidade ainda, que é o da confiança que a Constituição acaba de me dar entregando-me a obrigação de conduzir a transição democrática como estou fazendo, com grandes dificuldades, mas sem perder a esperança e com a certeza de que nós vamos chegar, sem dúvida, a um bom porto.»

Muito obrigado».



Vários constituintes foram comemorar a vitória no Planalto

Governo consolida a bancada

"A bancada do Governo está consolidada", afirmou ontem o líder Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), enquanto comemorava a vitória do mandato de cinco anos para o presidente Sarney. Ele se referia aos 328 parlamentares de diversos partidos que votaram a favor da emenda Matheus Iensen. Ao mesmo tempo, desejava outra vitória: "O PMDB demonstrou, por ampla maioria, que após hoje o presidente Sarney", observou Sant'Anna.

No gabinete da liderança do governo, o ministro da Habitação e Desenvolvimento Urbano, Prisco Viana, também comemorava os cinco anos. Político ligado ao presidente Sarney, Prisco passou o dia no Congresso, observando de perto a movimentação para a votação do mandato e atento às listas de parlamentares que votariam com o Governo. Ele afirmou que o Presidente não pretende realizar agora uma reforma ministerial, que poderá ocorrer, dependendo de ajustes necessários diante

de articulação, pelo Governo, de sua base política.

«O Presidente entende que essa decisão da Constituinte tranquiliza o País», declarou o ministro. Segundo ele, o Governo vai agora concentrar-se na solução dos problemas econômicos e medidas econômicas nem sempre populares exigem uma base parlamentar sólida, comentou.

Mas se o Centrão procurou, desde seu nascimento, salientar que não entraria em questões como mandato presidencial e sistema de governo, ele foi o principal responsável pela vitória dos cinco anos. Já às 07h30, o líder do governo, Carlos Sant'Anna, estava em seu gabinete e, com o auxílio de alguns membros do grupo, telefonava para os cincoanistas, para confirmar suas presenças na votação.

"Vamos vencer a obstrução pelo cansaço", bradou Carlos Sant'Anna no reinício da sessão. Pontualmente às 18h28, os parlamentares fiéis ao governo comemoravam a vitória.

Conselho político se reúne

O presidente José Sarney reúne hoje o seu "conselho político" no Palácio da Alvorada, para fazer, juntamente com seus ministros e lideranças políticas, a primeira análise da decisão da Assembleia Nacional Constituinte, que deu ao Governo uma vitória com mais de

106 votos de vantagem.

A primeira avaliação, o próprio presidente da República fez, assim que soube do resultado, pelo ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto: "Agora vou governar com maior confiança ainda".

O senador Távora, que foi ministro de Estado e governador do Ceará, considerado um dos mais importantes líderes políticos do Nordeste, chegou ao Hospital Albert Einstein às 20h30 de anteontem, vindo de Brasília, depois que foi constatada uma piora em seu

estado de saúde. No mês passado, o senador ficou internado no mesmo hospital durante várias semanas.

A sua nova internação em São Paulo não foi divulgada pelo hospital a pedido da família. Mas no fim da tarde de ontem, circularam informações em Brasília de que Virgílio Távora teria falecido em São Paulo, logo após dar entrada no Albert Einstein. A equipe médica então pediu autorização à família para divulgar um boletim, já que repórteres de emissoras de rádio e televisão e de jornais começaram a fazer plantão no saguão do hospital pedindo confirmação da notícia.